

Da sedução traumática à sedução estruturante

A sedução em psicanálise pode ser estudada a partir de diferentes referenciais teóricos. A proposta deste capítulo é revisitar o tema nos textos freudianos, acentuando as mudanças na história da teoria traumática da sedução – ou *neurotica*, como ficou conhecida – a partir da descoberta da existência de fantasias sexuais nas histéricas. Assim, o lugar do pai perverso e sedutor na história infantil, as noções de trauma e fantasia, assim como o papel instituinte e estruturante da mãe, como primeira sedutora constituem os pontos principais a serem aqui abordados. Discute-se neste capítulo a questão da violência da sedução na obra de Freud, no qual num primeiro tempo se circunscreve uma violência traumática da sedução para, a seguir, a sedução continuar a ser ilustrada como elemento violento, embora instituinte do psiquismo.

Costa (1984) afirma que na teoria freudiana há três tópicos que se relacionam com o papel da violência “como fato inaugural e essencial do psiquismo” (Costa, 1986 [1984], p. 15). O primeiro deles está ligado ao trauma infantil, especificamente, ao trauma da sedução; o segundo tópico refere-se à pulsão de morte; e o terceiro à questão do parricídio, conforme Freud (1913) a descreve em *Totem e tabu*. Embora todos sejam relevantes no que se refere à discussão sobre o problema da violência, o primeiro tópico ligado à teoria do trauma da sedução é o que mais nos interessa no momento.

Segundo Costa (1984), a teoria da sedução pode ser considerada o primeiro suporte da noção de violência, o elemento fundador do psiquismo. Para ele, a sexualidade infantil em Freud é o resultado da confluência de três estímulos: o estímulo biológico, o estímulo ligado ao exercício das funções vitais e o estímulo exógeno. O estímulo exógeno se refere sobretudo à mãe, já que ela é a responsável pelos cuidados higiênicos e alimentícios. Por outro lado, a estimulação materna se expressa também através de carícias físicas, a partir de seu próprio desejo libidinal pelo filho. Neste sentido, na relação da criança com a mãe existe uma quantidade excessiva de energia que é vivenciada pela criança de maneira traumática, com tonalidades violentas (Costa, 1984). A relação com a

mãe, portanto, pode ser, para Costa, uma prova da violência necessária para o surgimento do psiquismo, posto que a criança por vezes incorpora excitações sexuais que ultrapassam sua capacidade de absorção biopsicológica. Assim, através de um excesso de afluxo de energia que invade o aparelho psíquico infantil, a violência é experimentada pela criança.

Costa (1984) resgata a versão clássica de violência como “a qualidade do movimento que impede as coisas de seguirem o seu movimento natural” (*ibid.*, p. 16). Na discussão de seu uso pela psicanálise, à primeira vista, é através desta versão clássica de violência que se sustenta o argumento freudiano dos anos 1890, segundo o qual a sexualidade do adulto é capaz de invadir o psiquismo infantil. Para que o argumento freudiano seja válido, contudo, a que se pressupor um psiquismo infantil antes da invasão pelo estímulo exógeno, idéia que Costa (1984) critica. Segundo ele, a idéia de que o psiquismo segue um curso supostamente natural contradiz uma visão psicanalítica mais contemporânea, que define o psiquismo como construído na cultura, surgindo imerso na linguagem, no desejo e na sexualidade.

Com boa vontade, poderíamos admitir (...) que os instintos do filhote do homem são violentados pela ação humana, jamais o psiquismo. Sendo um fenômeno da cultura e não da natureza, não se pode atribuir ao psiquismo um hipotético rumo natural, independente desta cultura. (Costa, 1986 [1984], p. 16)

No que concerne à questão da violência, é contraditório sustentar o postulado de um psiquismo como produto da cultura e, ao mesmo tempo, uma idéia de violência que pressupõe a naturalidade deste psiquismo. Na verdade, tanto “a cultura como o psiquismo só existem pela ação da violência” (*ibid.*, p. 17). Neste sentido, há um componente violento inerente à relação com o outro, que fundamenta a própria humanização e constitui a sexualidade e o psiquismo. Assim é que, segundo Costa (1984), a teoria psicanalítica migrou das proposições freudianas a respeito da natureza traumática da sexualidade para uma concepção da natureza violenta deste trauma, o que ele critica. Primeiro, porque é um equívoco igualar as noções de trauma em geral e violência; elas não são sinônimas. Segundo, a psicanálise se deixou influenciar pela crença na primazia da violência na gênese da cultura e, conseqüentemente, do psiquismo (*ibid.*, p. 22).

Sempre que Costa (1984) se refere à relevância do papel da violência para a constituição do psiquismo, aponta, pois, para a existência de fatores potencialmente desagregadores do psiquismo – ligando-os à agressividade que há em todos os indivíduos desde o nascimento –, embora também constituintes do *eu*. Na opinião de Costa, a questão da violência deve ser articulada, nesta medida, com a noção de trauma e, mais particularmente, com a sedução traumática na *neurotica* freudiana.

Na teoria freudiana, as primeiras produções sobre sedução traumática são marcadas por uma concepção que situa a etiologia das neuroses numa cena de sedução com valor traumático. Em psicanálise, o uso do termo trauma¹ implica na idéia de um choque violento, de uma efração sobre o aparelho psíquico e, também, das conseqüências sobre o conjunto da organização psíquica. Assim, já na década de 1890, o trauma está referenciado a um acontecimento pessoal e real da história do sujeito, sendo experimentado como algo que altera o afluxo de excitações do psiquismo, provocando transtornos energéticos transitórios ou efeitos patogênicos duradouros (Freud, 1893a). Esta idéia de trauma, numa concepção econômica, está relacionada a uma impossibilidade de descarga de afeto, ou seja, a uma ausência de ab-reação de um afeto que permanece estrangulado e é vivenciado pelo sujeito – o qual se sente desamparado e impotente frente à situação traumática – como uma emoção desprazerosa (Freud, 1893a). Assim, na perspectiva econômica da década de 1890, trauma é um termo que designa uma situação na qual o aparelho psíquico não consegue reagir adequadamente às excitações externas. Nesta situação, algumas excitações ficam represadas no aparelho psíquico, o que economicamente compromete a homeostase desse aparelho. (Freud, 1893-1895).

Referindo-se à idéia de trauma, Freud (1890) diz que a impossibilidade de uma reação adequada, de uma descarga psíquica ou de uma elaboração psíquica determina o impacto e a violência do trauma e é neste sentido que, para a psicanálise, todo trauma provoca uma ferida narcísica, podendo ser diretamente sexual ou implicar em conseqüências sexuais, quando atinge globalmente a integridade corporal ou psíquica. É nos anos 1890 que Freud elabora sua tese da *neurotica* segundo a qual o trauma é essencialmente de natureza sexual e a cena

¹ Termo cuja origem remonta à Medicina, *trauma* – que vem do grego τραυμα = ferida e deriva do verbo τρωω = furar – denota uma ferida com efração (Laplanche, 1991 [1967], p. 522).

traumática se baseia em uma ação real de um adulto – na maioria dos casos uma figura paterna – que seduz uma criança. Para ele, o trauma influencia diretamente no surgimento das neuroses, assunto que Freud trata extensivamente em 1895, em *Estudos sobre a histeria*, nos quais discorre sobre o significado etiológico do trauma nas neuroses.

Com o abandono da *neurotica* freudiana, o significado etiológico do trauma nas neuroses se apaga desde o momento em que a idéia de realidade psíquica e a crença nas fantasias das histéricas são colocadas por Freud em primeiro plano. O trauma passa então a ser apenas mais um fator na formação dos sintomas neuróticos, que inclui também outros fatores como a constituição e a história infantil. Assim, mesmo que seja experimentado pelo sujeito enquanto acontecimento real no período da infância, o trauma não serve mais como forma exclusiva de esclarecimento para a questão da sexualidade humana, mas como um elemento explicativo a mais. Além disto, o trauma pode fazer referência a um acontecimento que surge num segundo momento, não mais às experiências infantis que são encontradas nas origens das fixações.

Apesar da relativização da idéia da etiologia traumática das neuroses, com o advento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) é possível perceber que Freud, em 1919, estudando as neuroses de guerra, recoloca em pauta suas preocupações acerca da origem traumática das neuroses. Assim, o interesse freudiano pela concepção econômica do trauma como efração é retomado em *Além do princípio do prazer*, onde Freud (1920) utiliza a imagem da “vesícula viva” para marcar a existência de uma camada protetora de excitação que se desestabiliza ao sofrer uma extensa efração, isto é, um trauma. Segundo Freud (1920), a tarefa do aparelho psíquico então consiste em restabelecer as condições de funcionamento do princípio do prazer através da religação de excitações que permitam sua descarga. O funcionamento do princípio do prazer exige determinadas condições que o trauma vem abolir, desde o momento em que ameaça a integridade do aparelho psíquico.

Considerando as transformações advindas a partir da segunda tópica em 1923, assim como os reflexos da noção de pulsão de morte, em 1926 Freud atribui ao conceito de trauma um valor maior na teoria da angústia. Para tanto, retoma o conceito de trauma a partir das postulações de Otto Rank, que em *O traumatismo do nascimento* (Rank, 1924) tenta estabelecer uma relação entre as primeiras

fobias das crianças e as impressões nelas causadas pelo nascimento. O livro de Rank representa, contudo, mais do que a adoção de uma explicação de Freud da forma assumida pela angústia, à medida que Rank crê que os ataques de angústia são tentativas de ab-reagir o trauma do nascimento. Segundo Rank (1924), o mecanismo que desencadeia a angústia e que está presente em todas as pessoas que são acometidas por fobias – claustrofobia, fobia de túneis etc. – está relacionado com a reprodução da angústia que acompanha o nascimento. Neste sentido é que Rank (1924) propõe uma técnica terapêutica diferente, baseada na superação do trauma do nascimento.

Em *O traumatismo do nascimento*, Rank (1924) se questiona se a influência exercida por sua personalidade e maneira de manejar a técnica em análise não teriam como efeito fazer retroceder o *eu* do cliente em direção a situações libidinais mais e mais antigas, até a fase intra-uterina. Afirma que o paciente identifica a situação criada pela análise com o período intra-uterino, assim como, por vezes, identifica o próprio analista com a mãe, remetendo-se em seus sonhos à situação pré-natal. Desta forma, o inconsciente do paciente utiliza a situação criada pelo processo analítico para reproduzir o trauma do nascimento. Argumenta também que, ao fim do tratamento, que é marcado pela separação do objeto substituto, isto é, do médico, o paciente reproduz o ato do nascimento em quase todos os seus detalhes. Assim, a análise tem como último resultado libertar o paciente, tardiamente mas de maneira definitiva, da influência do trauma do nascimento.

Rank (1924) acredita que o sentimento de angústia frente aos animais pequenos e sobretudo aos rasteiros – como ratos, cobras, sapos etc. –, a que estão sujeitos tanto homens quanto mulheres, está ligado à idéia destes animais serem capazes de desaparecer rapidamente por um buraco, sem deixar rastros. Neste sentido, animais pequenos simbolizam o desejo de retorno ao útero materno. A psicanálise, para Rank, postula que todos os animais pequenos podem simbolicamente representar crianças, embriões, como também, idealmente, o órgão sexual masculino, ou seja, o pênis, por causa tanto do tamanho como da facilidade de penetração. Assim, enquanto representação fálica, estes animais provocam angústia, à medida que evocam uma comparação com espermatozoides e óvulos e implicam numa localização intra-uterina.

Rank afirma que o processo de nascimento é a primeira situação de perigo, sendo a separação biológica da mãe o protótipo da angústia psíquica e que é a sensação aflitiva de separação que provoca nas pessoas a vontade de retornar ao útero materno. Neste sentido, o encontro com o mundo, começando pelo momento do nascimento, é traumático para o bebê. Segundo o ponto de vista de Rank, o trauma do nascimento se manifesta nos seres humanos com graus de intensidade variáveis e a virulência da angústia varia com a força do trauma. Em outras palavras, para Rank toda criança, inclusive a mais normal, experimenta angústia, e todo adulto saudável atravessa uma fase de neurose normal, representada por sua infância; neurose que não persiste mais além do que em certos indivíduos que tenham permanecido infantis, isto é, nos indivíduos neuróticos (Rank, 1972 [1924], p. 25).

Freud (1926) rejeita a teoria de Rank a respeito do trauma do nascimento em *Inibições, sintomas e ansiedade*, afirmando que ela não se apoia em observações concretas.

(...) a principal objeção a ela [a teoria de Rank] é que flutua no ar em vez de ser baseada em observações confirmadas. (...) Deve ser uma das vantagens da teoria etiológica de Rank o fato de que ela postula um fator cuja existência pode ser verificada pela observação. E enquanto tal tentativa de verificação não for feita, é impossível verificar o valor da teoria. (Freud, 1976 [1926], p. 176)

Segundo Freud (1926), para sustentá-la seriam necessárias investigações objetivas, já que o processo de análise não permite retroceder até o trauma do nascimento. Além disto, deveria haver observações em número suficiente que sustentassem a hipótese de que há relação entre o trauma do nascimento e o surgimento de uma neurose. Ao discutir este assunto, Freud (1926) critica a posição de Rank “de que se tornam neuróticas as pessoas nas quais o trauma do nascimento foi tão forte que jamais foram capazes inteiramente de ab-reagi-lo” (*ibid.*, p. 175).

Não sabemos ao certo o que se quer dizer por ab-reação ao trauma (...). Dar tanta ênfase à variabilidade com base no trauma do nascimento é não deixar lugar algum para as legítimas reivindicações da constituição hereditária como fator etiológico (...). A teoria de Rank despreza inteiramente os fatores constitucionais bem como os filogenéticos. (Freud, 1976 [1926], p. 175-176)

Para Freud (1926), o fato de somente o ser humano, entre todos os mamíferos que partilham o mesmo processo de nascimento, possuir uma

disposição especial para a neurose não é favorável à teoria de Rank. Neste sentido, Freud diz que foi infrutífera a tentativa de Rank para solucionar ou pelo menos esclarecer o problema da causação da neurose. Sob o ponto de vista de Freud (1926), a angústia do nascimento é verdadeiramente o processo real do nascimento, indissolivelmente fisiológico e psicológico. Assim, segundo Freud, o nascimento é um protótipo da situação traumática, representando perigo para a própria sobrevivência da criança.

Em 1924, Rank também afirmou que o nascimento é o protótipo do trauma original, mas, diferente de Freud (1926), por outro lado enfatizou que todos os pacientes em análise podem reproduzir, na fantasia – através das formações do inconsciente, tais como os sonhos, atos falhos, chistes –, o período de sua vida intra-uterina, assim como a separação da mãe no momento de seu verdadeiro nascimento. Rank acreditava que, ao longo do desenvolvimento psíquico, o indivíduo buscava elaborar a experiência traumática do nascimento, enquanto a primeira e mais importante perda da vida de um ser humano.

No entanto, os argumentos de Freud que discordam da teoria de Rank são revisados em 1933, nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Nelas, Freud valoriza a abordagem rankiana, no que se refere particularmente à importância da primeira separação mãe-bebê.

Também interessado em trabalhar a questão da sedução traumática, Thierry Bokanowski (2002) discute o conceito *trauma*, que em sua opinião é central na obra freudiana, subdividindo seu estudo em três diferentes períodos: um primeiro – *entre 1895 e 1920*; um segundo – *a partir de 1920*; e um terceiro – *em 1939* –, que confere com o final da obra de Freud, referido principalmente ao texto *Moisés e o monoteísmo: três ensaios* (Freud, 1939). No primeiro período, que vai desde 1895 até 1920, trauma se refere ao sexual e está intimamente ligado à teoria da sedução. Este primeiro período pode ser subdividido em dois momentos distintos (Bokanowski, 2002): No primeiro momento, que vai de 1895 até 1905, Freud estabelece que o modelo primordial da ação do trauma, relacionado a uma sedução, é o modelo de dois tempos² – questão do *a posteriori* – conforme apresentado por Freud no *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1950 [1895]) e nos *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1893-1895). Este

² A idéia de Freud sobre a decomposição da ação traumática em dois tempos e noção de *a posteriori* serão explicitadas em 1.1 “O pai da histérica”.

primeiro momento (1895-1905) está referido também à questão do abandono da primeira teoria da sedução (Freud, 1897), a partir do qual a fantasia adquire uma função tão mais importante do que a sedução concreta, participando, portanto, da estruturação das neuroses. Por outro lado, no segundo momento, que vai de 1905 até 1920, Freud se refere ao desenvolvimento sexual infantil e elabora sua metapsicologia. Bokanowski (2002) diz que no que se refere ao desenvolvimento sexual infantil e à teoria da libido, as situações traumáticas estão associadas às fantasias originárias, angústias de sedução, angústias de castração, à cena primitiva e ao complexo de Édipo. Logo, todos os traumas encontram-se referidos às fantasias inconscientes e à realidade psíquica.

Nos anos de 1920 em diante, o trauma adquire uma nova conotação, sob o ponto de vista econômico. Em *Inibições, sintomas e ansiedade*, Freud (1926) sugere uma nova teoria da angústia, acentuando que o trauma está referido à angústia de separação ou então às angústias que as separações acarretam. Segundo Bokanowski, neste segundo período Freud distingue diferentes tipos de angústia: angústia do trauma de nascimento, angústia da perda da mãe como primeiro objeto de amor, angústia da perda do pênis, angústia da perda do amor de objeto e angústia da perda de amor do supereu. Finalmente, ainda segundo Bokanowski (2002), Freud ressalva, no terceiro período (1939), que as experiências traumáticas originariamente constitutivas da organização e do funcionamento psíquico podem provocar feridas narcísicas.

A proposta de Bokanowski (2002) de discutir a noção de trauma, na obra freudiana, aponta para a relevância de se interligar os conceitos *sedução* e *trauma*, já que a sedução pressupõe um trauma quer de natureza sexual quer de natureza não-sexual, em psicanálise. Assim, com o objetivo de avançar um pouco mais na discussão, a seguir será trabalhado o personagem central da teoria da sedução freudiana, longamente debatida nos anos 1890: o pai da histérica. O pai sedutor ao qual Freud se refere – a mãe sedutora só terá lugar mais tarde na teoria freudiana – é um pai perverso, responsável pela histeria de suas pacientes.

1.1

O pai da histérica

Entre outubro de 1885 e fevereiro de 1886, Freud trabalha em Paris, na Salpêtrière, com Charcot. Retornando a Viena, ele se estabelece como neurologista e utiliza-se de diferentes métodos no tratamento das neuroses, como a eletroterapia, a hidroterapia e as curas de repouso. Além disso, dedica-se, durante alguns anos, ao estudo do hipnotismo e da sugestão, fato registrado em suas cartas a Fliess, nas quais relata os êxitos obtidos com a hipnose no tratamento das doenças histéricas (Freud, 1888-1892). Nesta época, acreditando que uma quantidade de excitação pudesse ficar retida no aparelho psíquico devido a alguma experiência vivida como traumática pelo sujeito, Freud oferece ao paciente sob hipnose sugestões que favoreçam a ab-reação dos afetos até então represados, isto é, sua descarga, permitindo assim que a energia volte a escoar livremente.

Preocupado em descobrir em que situações um doente poderia se beneficiar do tratamento pela hipnose, Freud (1891) atenta para o fato de que esta técnica deve ser evitada em casos de sintomas que tenham origem orgânica, sendo indicada para o tratamento de doenças nervosas puramente funcionais, em doenças de origem psíquica e em casos de dependências como, por exemplo, a de tóxicos. Apesar disto, segundo ele, há sintomas de natureza orgânica que podem ser acessíveis à técnica hipnótica.

Interessado na questão da aplicabilidade da hipnose, Freud afirma que a técnica poderia ser empregada com vista ao diagnóstico diferencial, para esclarecer se determinados sintomas se relacionam com uma histeria ou com uma doença nervosa de origem orgânica. Essa linha de argumentação vem, de certa forma, ratificar as descobertas de Freud de que os pacientes histéricos se adaptam à hipnose e se beneficiam da técnica. No entanto, ao mesmo tempo em que observa êxitos no tratamento de histéricas, Freud (1891) também ressalva a existência de deficiências inerentes à técnica quando afirma que geralmente o analista não deve esperar que a hipnose se desenvolva espontaneamente, mas estimulá-la através de sugestões, ou quando sustenta que o tratamento pela hipnose não é sempre eficaz, pois “o grau alcançável de hipnose” (Freud, 1990 [1891], p. 163) depende mais do paciente do que do método em si.

No que se refere à relação existente entre trauma psíquico e fenômeno histórico, Freud (1893a) supõe que a lembrança do trauma age como um “corpo estranho” (*ibid.*, p. 44) ao psiquismo do sujeito, causando o sintoma. Na realidade, para Freud, o trauma está na origem da histeria. Tentando sustentar seu ponto de vista, Freud (1893a) afirma que, nos casos de histeria traumática, o que provoca os sintomas é uma situação real, proveniente de uma fonte externa ao sujeito e, neste sentido, acidental. Mas o que pode atribuir a um acontecimento o valor de trauma desestruturante para um determinado sujeito? Por um lado, para que um trauma aconteça e seja reconhecido como desestruturante devem existir fatores como algum acontecimento da infância que desencadeiem o trauma, e, por outro, para que uma pessoa vivencie como traumático um afeto estrangulado é necessário um grau de suscetibilidade dela ao trauma.

A soma de acontecimentos que isoladamente não constituem um trauma pode, em seus efeitos e por adição, ter valor traumático. No entanto, a própria natureza de um acontecimento pode excluir uma ab-reação completa, assim como conflitos psíquicos e exigências sociais podem dificultar ou então não permitir uma reação adequada por parte do aparelho e, neste sentido, serem vivenciados pelo indivíduo como traumáticos. A *grosso modo*, para Freud, “o trauma deve ter alguma relação especial com alguma parte do corpo” e “ser grave”, envolvendo a idéia de uma “ameaça à vida”, mas “sem pôr termo à atividade psíquica” (Freud, 1987 [1893c], p. 37).

Em 1893, Freud utiliza o método catártico no tratamento de suas pacientes histéricas, com o objetivo de fazer emergir lembranças traumáticas como se elas fossem fatos recentes para, assim, cessar seus efeitos, através de reações afetivas – expressas em ações ou palavras como acessos de cólera, lágrimas, confissões, lamentos etc.

A reação da pessoa insultada em relação ao trauma só exerce um efeito inteiramente ‘catártico’ se for uma reação *adequada* – como, por exemplo, a vingança. Mas a linguagem serve de substituta para a ação; com sua ajuda, um afeto pode ser ‘ab-reagido’ quase com a mesma eficácia. (Freud, 1987 [1893a], p. 46)

A partir da catarse, Freud aprofunda seus estudos sobre o trauma e suas relações com a histeria. Observa que a ab-reação possibilita a descarga do afeto até então estrangulado, o que permite à pessoa lidar com a experiência traumática.

Mas ela não é o único método existente, já que o sujeito pode provocar o desaparecimento do trauma também por meio de associações.

Uma lembrança desse trauma, mesmo que não tenha sido ab-reagida, penetra no grande complexo de associações, entra em confronto com outras experiências que possam contradizê-la, e está sujeita à retificação por outras representações. (...) Desse modo, uma pessoa normal é capaz de provocar o desaparecimento do afeto concomitante por meio do processo de associação. (Freud, 1897 [1893a], p. 46)

Apesar de somente renunciar definitivamente à sugestão hipnótica em 1896, Freud começa, na década de 1890, a recorrer a um novo método terapêutico, a associação livre, pois percebe que nem sempre conseguia hipnotizar as pacientes histéricas (Freud, 1894). A partir da associação livre, Freud então insiste para que elas falem tudo o que lhes vêm à cabeça. No entanto, os próprios esforços das histéricas em lembrar fatos traumáticos esbarram numa outra forma de resistência – diferente da resistência à hipnose – a que as idéias patogênicas se tornem conscientes.

Ao discorrer sobre a etiologia da histeria, Freud menciona várias vezes a sedução por adultos como uma de suas causas mais freqüentes (cf. Freud, 1894 e também Freud, 1896b). Todavia, é a partir da teoria da sedução – a *neurotica* freudiana – que Freud destaca uma função teórica importante para a questão da sedução, na medida em que atribui ao recalque da lembrança da sedução o papel determinante na etiologia das neuroses. Assim, em *Estudos sobre a histeria*, Freud (1893-1895) estabelece sua teoria da origem traumática das neuroses, na qual sustenta que a cena traumática se baseia em um abuso sexual do adulto sobre a criança. Esta *neurotica* de Freud, elaborada na década de 1890, apoia-se sobretudo em suas observações clínicas: a lembrança de traumas vividos por crianças que são vítimas de abusos sexuais é tão penosa que todas preferem esquecê-los, recalcando-os. Assim, durante certas anamneses, Freud escuta o relato de cenas de sedução infantil, ou seja, de assédio sexual entre um adulto e suas pacientes histéricas quando ainda crianças, sendo que as crianças respondem passivamente à situação de estimulação sexual que se apresenta a elas. É neste sentido que, discutindo a questão das cenas de sedução, em *A etiologia da histeria* (1896b), Freud acrescenta que a criança não se encontra psíquica nem somaticamente preparada para responder aos estímulos nela despertados.

Em publicações iniciais como *As neuropsicoses de defesa* (1894), *Estudos sobre a histeria* (1893-1895) ou *A etiologia da histeria* (1896b), Freud em nenhum momento incrimina especificamente o pai como o agente da sedução; no máximo, realça a figura de tios que molestam suas sobrinhas. Todavia, em notas de rodapé de 1924 em *Estudos sobre a histeria*, ele admite textualmente ter suprimido em duas ocasiões o fato da figura paterna ser a responsável pela sedução. Neste sentido, ele retifica somente em 1924 que tanto Katharina quanto Rosália H. foram vítimas de investidas sexuais por parte de seus próprios pais e não de seus tios como, a princípio, afirmara (Freud, 1987 [1893-1895], p. 151 e 180). Na década de 1890, é, pois, somente nas entrelinhas que Freud sugere haver um pai que, pelas suas investidas sexuais, assume um papel perverso e sedutor em relação a uma criança.

No entanto, é encontrada na correspondência Freud-Fliess algumas passagens significativas no que se refere à confiança de Freud na “etiologia paterna” (Freud, 1897 *apud* Masson, 1986, p. 238 e p. 250) das neuroses, ou melhor, na crença de Freud – nos anos 1890 – de que a sedução pelo pai estaria no cerne da neurose. Freud conta um sonho – o sonho *Hella*³ – na carta Freud-Fliess de 31/05/1897, em que afirma:

Recentemente sonhei ter sentimentos excessivamente afetuosos por Mathilde, só que ela se chamava Hella; depois tornei a ver “Hella” diante de mim, impresso em tipos grandes. Solução: Hella é o nome de uma sobrinha norte-americana cuja fotografia nos foi enviada. (...) O sonho, é claro, mostra a realização de meu desejo de encontrar um *Vater* [pai] como originador da neurose e, desse modo, pôr fim a minhas dúvidas reiteradas. (Freud, 1897 *apud* Masson, 1986, p. 250)

A inclinação freudiana pelo “perverso-psicológico”⁴ é constatada também a partir dos comentários de Freud sobre seu pai, na carta de 08/02/1897 endereçada a Fliess (Freud, 1897 *apud* Masson, 1986, p. 232). Nela, Freud cita seu pai como pervertido, responsável pela eclosão da histeria de seus irmãos.

³ Freud explicará de forma mais clara o sonho *Hella* para Ferenczi em 1932. Cf. capítulo 2 desta dissertação, assim como a Carta Freud-Ferenczi de 02/10/1932, reproduzida por Giguère (1997) em *La lettre rêvée: une correspondance imaginaire Freud-Ferenczi*.

⁴ A expressão *perverso-psicológico* pode ser encontrada na carta Freud-Fliess de 07/09/1897, escrita, pois, pouco antes do abandono da *neurotica* em 21/09/1897: “(...) minha inclinação para o perverso-psicológico e o grotesco vai tendo o que merece.” (Freud, 1897 *apud* Masson, 1986, p. 264).

Infelizmente, meu próprio pai foi um desses pervertidos e é responsável pela histeria de meu irmão (...) e de várias das irmãs mais moças. (Carta Freud-Fliess de 08/02/1897 *apud* Masson, 1986, p. 232)

Contemporaneamente à carta de 08/02/1897, na qual Freud conta que a neurose de seus irmãos eclodiu por causa do investimento perverso de seu pai, existe também uma outra carta em que Freud presta esclarecimentos sobre seu próprio caso.

(...) meu velho não desempenha nenhum papel ativo em meu caso, mas (...) sem dúvida, fiz uma inferência sobre ele, por analogia, a partir de mim mesmo; que em meu caso, o “originador primordial” foi uma mulher feia e idosa, porém esperta, que muito me ensinou (...). (Carta Freud-Fliess de 03/10/1897 *apud* Masson, 1986, p. 269)

Assim, de uma maneira ou de outra, a crença freudiana na etiologia das neuroses se sustenta ou através de um pai perverso ou através de alguém que responde, analogamente, deste mesmo lugar – em outras palavras, de uma posição perversa. Nesta linha é que a expressão “etiologia paterna” é empregada nas cartas Freud-Fliess de 28/04/1897 e 12/12/1897, ou seja, no sentido de um pai perverso ser a fonte da neurose. A expressão “etiologia paterna” está, pois, ligada à *neurotica* freudiana.

Nesta mesma época (1890), a teoria da sedução se alicerça e se define a partir da idéia freudiana de que a ação traumática é decomposta em vários elementos, pressupondo dois tempos: uma primeira cena, que geralmente ocorre na infância, em que a criança sofre uma tentativa de agressão sexual por parte de um adulto, sem que o fato seja identificado pela mesma como excitação sexual, já que, para Freud, nesta época a sexualidade ainda não teria se instaurado; e uma segunda cena, na puberdade, muitas vezes aparentemente insignificante, que evoca a primeira cena por qualquer traço associativo e a partir da qual eclode o sintoma histérico e a primeira cena é ressignificada como sexual.

Quando os órgãos genitais da criança são excitados por alguém, a lembrança disso produz, anos depois, por ação retardada, uma liberação da sexualidade que é muito mais intensa do que na época, porque, nesse meio tempo, o aparelho definitivo e a quota de excitação aumentaram. (Carta Freud-Fliess de 14/11/1897 *apud* Masson, 1986, p. 280-281)

No entanto, progressivamente Freud renuncia à teoria da sedução, como a relação epistolar existente com Wilhelm Fliess vem assinalar. Assim, em uma destas cartas, de 21 de setembro de 1897, Freud escreve a Fliess sobre o descrédito de sua *neurotica* (Carta 69):

(...) Confiar-lhe-ei de imediato o grande segredo que lentamente comecei a compreender nos últimos meses. Não acredito mais em minha *neurotica*. (Freud, 1990 [1897], p. 357)

O abandono dessa primeira teoria da sedução é explicado a partir da constatação da importância da fantasia incestuosa para as histéricas. Freud tenta, então, sustentar a idéia de que o trauma diz respeito a uma cena fantasiada. Em outras palavras, a chave das neuroses histéricas não está mais nos acontecimentos reais – isto é, nas seduções –, mas nas fantasias – por exemplo, as fantasias de sedução pelo pai. Se antes o protótipo do trauma psíquico era uma cena real de sedução, agora Freud começa a suspeitar que nem todos os relatos de suas pacientes histéricas são resultado de eventos traumáticos reais, podendo ser produto de suas fantasias. Estas fantasias das histéricas, continua ele, são como máscaras que ocultam manifestações espontâneas da atividade sexual infantil, como a masturbação (Freud, 1897). A propósito, nessa mesma época, Freud (1897) se refere ao que mais tarde denominaria de complexo de Édipo, isto é, ele se refere aos sentimentos amorosos que sentiu em relação a sua mãe, o que ratifica a necessidade de reconhecimento de que moções sexuais atuavam espontaneamente em crianças muito pequenas, sem que ocorresse estimulação externa (Cartas 70 e 71).

Descobri, também em meu caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não ocorra tão cedo quanto nas crianças que se tornam histéricas. (Carta Freud-Fliess de 15/10/1897 *apud* Masson, 1986, p. 273)

Para melhor explicar sua hipótese, Freud afirma não existirem indícios de realidade no inconsciente que diferenciem a ficção da verdade investida de afeto, sendo, portanto, impossível dizer o que seria da ordem da realidade e da ordem da fantasia. Isto vem a enfraquecer a possibilidade de que todos os pais fossem perversos ou, em outras palavras, vem a enfraquecer a tese – sustentada por Freud nos anos 1890 – de que “em todos os casos, o pai, não excluindo o meu, tinha de ser apontado como perverso” (Freud, 1990 [1897], p. 358).

No que concerne às conseqüências do abandono da *neurotica* freudiana, é perceptível nos textos freudianos que, no mesmo momento em que o papel desempenhado pelas fantasias inconscientes na formação dos sonhos passa a ser valorizado por Freud, o significado etiológico do trauma nas neuroses se apaga. É

na *Interpretação de sonhos* que Freud (1900) escreve sobre a importância das fantasias e em que apresenta as fantasias como equivalentes aos sonhos diurnos. Para ele, essas fantasias são as precursoras imediatas de alguns sintomas histéricos, aqueles que “não estão ligados a lembranças reais, mas a fantasias construídas com base em lembranças” (Freud, 1987 [1900], p. 454). Analisa-as como formações de compromisso e mostra que sua estrutura é comparável à do sonho. Essas fantasias ou sonhos diurnos são utilizados pela elaboração secundária, um dos fatores do trabalho do sonho que procura aproximar o material que lhe é oferecido a algo semelhante aos sonhos diurnos. Já no capítulo VII da *Interpretação de sonhos*, Freud situa no nível inconsciente certas fantasias, aquelas ligadas ao desejo inconsciente e que estão no ponto de partida do processo de formação do sonho. Logo, para Freud (1900), a fantasia pode estar ligada ao desejo inconsciente mais profundo no trabalho do sonho, mas também estar presente na elaboração secundária. Em certa medida, Freud (1900) afirma, então, existirem fantasias inconscientes que devem permanecer inconscientes, por causa de seu conteúdo e por se originarem de material recalçado.

Apesar de já vir anunciando suas idéias há alguns anos, é somente em *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses* que Freud (1906 [1905]) apresenta publicamente a revogação de sua crença na etiologia traumática da histeria, insistindo, por outro lado, na importância das fantasias. Reconhece, neste texto, que não conseguiu perceber, num primeiro momento, como a existência de fantasias de sedução muitas vezes funcionam como tentativas de rechaçar as próprias lembranças das atividades sexuais auto-eróticas, sempre acompanhadas de fantasias. Encerra-se, nessa época, a *primeira teoria da sedução* freudiana, na qual ele propôs que a sedução seria um evento evitável e patológico. Esse período no qual a sedução é entendida como traumática para o sujeito e, sobretudo, experienciada enquanto uma situação concreta tem importante significado no que se refere ao entendimento da etiologia traumática das neuroses para Freud.

1.1.1

Críticas de Jeffrey Masson ao abandono da *neurotica*

Em 1981, Jeffrey Moussaieff Masson foi demitido do cargo de diretor de projetos dos *Sigmund Freud Archives*, após sugerir que a primeira teoria da sedução freudiana, desenvolvida pelo autor na década de 1890, podia ainda ser válida. Com ousadia e provocação, Masson apresenta suas idéias durante uma conferência em New Haven em 1981. Estas idéias se encontram publicadas, desde 1984, em *Atentado à verdade: a supressão da teoria da sedução por Freud*, livro em que Masson aborda exatamente a questão da supressão da teoria da sedução freudiana. Nele, Masson (1984) afirma que, entre 1885 e 1886, trabalhando no hospital Salpêtrière, Freud possivelmente presenciou, no necrotério de Paris, autópsias realizadas em crianças, mortas em consequência de estupros e atos violentos. Da mesma forma, tomou conhecimento de uma literatura que tratava tanto do abuso físico como moral de adultos contra crianças, sendo eles muitas vezes parentes próximos. Essa literatura mostrava, por exemplo, casos de incesto, em que pais molestavam suas filhas, e maus tratos de pessoas que exerciam alguma autoridade sobre essas crianças, como criados e professores.

Para fundamentar sua afirmativa, Masson faz referência a trechos das Cartas e Rascunhos de Freud a Fliess escritos em fevereiro e maio de 1893, mas omitidos na edição resumida, nos quais Freud menciona um atentado (*Attentat*), “presumivelmente ao pudor” (Masson, 1984, p. 70) contra sua paciente, assim como sugere a possibilidade de seduções sexuais na infância. Segundo ele, se por um lado Freud e Fliess, entre 1894 e 1900, confabulavam sobre as origens da doença mental e partilhavam pontos de vista parecidos acerca da sexualidade na etiologia das neuroses, por outro o interesse de Fliess se limitava aos aspectos etiológicos de sintomas físicos, enquanto Freud se interessava também pelos aspectos psicológicos da doença. Dito de outro modo:

À medida que o interesse de Freud deslocou-se para as neuroses propriamente ditas – isto é, a histeria e as neuroses obsessivas – começou a buscar suas origens em fatores psicológicos. Os fatores psicológicos não interessavam a Fliess, embora isso só se tornasse claro para Freud muitos anos mais tarde. (Masson, 1984, p. 54)

Em uma também omitida passagem da carta de 21 de maio de 1894 pode ser encontrada a posição de Breuer e de outros “colegas de Freud” (*ibid.*, p. 79)

contra a idéia freudiana de publicar a tese das seduções sexuais infantis como fonte da histeria e da neurose obsessiva.

Masson afirma que a primeira referência publicada de Freud sobre a sedução é apresentada no ensaio sobre a *Etiologia da histeria*, em abril de 1896. Nele, Freud se refere aos traumas, cenas e relações sexuais na infância como experiências precoces reais, e que tinham efeitos sobre as vidas posteriores dessas crianças, sendo a sedução sexual:

(...) um ato libidinoso real imposto a uma criança pequena que de modo algum o deseja ou incentiva. A sedução (...) é um ato de crueldade e violência que fere a criança em todos os aspectos do seu ser (...) Seu corpo não está preparado para o ato adulto da relação (...) Nem tão pouco as emoções estão preparadas, seja para o impacto imediato da paixão sexual do adulto, seja para os inevitáveis sentimentos posteriores de culpa, angústia e medo. (Masson, 1984, p. 6)

Preocupado em marcar a posição da criança que sofre o abuso, Masson sugere que a utilização da palavra sedução foi uma escolha inadequada de Freud (1896), na medida em que aponta para uma postura ativa da criança com relação ao adulto.

Freud usa várias palavras para descrever essas ‘cenas sexuais infantis’: *Vergewaltigung* (estupro), *Missbrauch* (abuso), *Verführung* (sedução), *Angriff* (ataque), *Attentat* (o termo francês, significando um atentado), *Aggression* (agressão), e *Traumen* (trauma). Todas essas palavras afirmam explicitamente algo sobre a violência dirigida contra a criança expressa na sexualidade do adulto, com exceção da palavra ‘sedução’, que foi uma escolha infeliz, pois implica alguma forma de participação da criança. (Masson, 1984, p. 4)

Pesquisando sobre a existência da sexualidade e das pulsões sexuais em crianças, Freud se debruça sobre a questão da passividade e da atividade dos atos das pessoas. Os resultados dessas investigações são encontrados nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905b). Contudo, segundo Masson, o termo sedução é empregado no ensaio de 1896 *A etiologia da histeria*, ou seja, antes da descoberta da existência de fantasias internas e da sexualidade infantil espontâneas, época em que Freud ainda estava preso à idéia de que a sedução sexual sofrida pela criança era real.

Interessado em publicar a correspondência completa entre Freud e Fliess, Masson observa que, nas cartas escritas por Freud após setembro de 1897, ou seja, depois que Freud anuncia estar decepcionado com sua *neurotica*, todos os históricos de casos de sedução ou abuso sexual de crianças, assim como as

informações sobre Emma Eckstein, paciente que parecia de alguma maneira ligada à teoria da sedução, foram omitidos por Anna Freud na edição resumida original. Masson conta que ao questionar Anna sobre essas omissões, ela deixou implícito que, já que Freud havia abandonado a teoria da sedução, seria irrelevante expor dúvidas e hesitações de seu pai ao público (Masson, 1984, p. XVII). Sobre o assunto, Anna Freud escreve a Masson uma carta, em 1981, afirmando:

Manter a teoria da sedução significaria abandonar o complexo de Édipo e, com ele, toda a importância da fantasia, fantasia consciente e inconsciente. Na realidade, acho que não teria existido psicanálise depois disso. (Masson, 1984, p. 107)

Para Anna Freud, de fato foi só depois que Freud abandonou a teoria da sedução e apontou a importância da fantasia que ele pôde fazer descobertas “que levaram à criação da psicanálise como ciência e como terapia” (*ibid.*, p. 108). No entanto, Masson interpreta o abandono da teoria da sedução por Freud de forma diferente de Anna e encaminha seu texto como que para confirmar suas suspeitas de que esse abandono tinha relação “com uma falta de coragem” (*ibid.*, p. XX), pois afirmar que crianças são abusadas sexualmente por suas famílias se configurou em um risco e um isolamento intelectual para o próprio Freud. Já uma interpretação freudiana de que suas pacientes fantasiavam cenas de violência sexual, inventavam histórias e contavam mentiras não representava ameaças à ordem social vigente, sendo reconfortante para a sociedade do século XIX. Sobre o assunto e nas próprias palavras de Masson (1984):

(...) o que Freud descobrira em 1896 – que, em muitos casos, crianças são vítimas de violência e abusos sexuais no seio de suas próprias famílias – tornou-se um tal risco que ele teve de, literalmente, bani-lo de sua consciência. (...) Freud (...) teve de abandonar suas crenças errôneas sobre a sedução antes que pudesse descobrir a verdade mais fundamental do poder da fantasia interna e da sexualidade infantil espontâneas. (...) crimes sexuais violentos podiam ser [assim] atribuídos à imaginação da vítima (...) Era um ponto de vista reconfortante para a sociedade, pois a interpretação de Freud – de que a violência sexual que afetava tanto as vidas das suas pacientes era apenas fantasia – não representava nenhuma ameaça à ordem social existente. (Masson, 1984, p. XXI e XXII)

1.2

As fantasias de sedução

As idéias de Freud que modificaram sua crença na origem traumática da histeria e que provocaram transformações na sua *neurotica* podem ser observadas em 1901 no caso Dora, publicado em 1905 e intitulado *Fragmentos da análise de um caso de histeria*. Nele, Freud (1905 [1901]) relata duas cenas amorosas entre Dora e o Sr. K.: uma primeira cena do beijo na loja (Freud, 1989 (1905 [1901]), p. 34) e, uma segunda, uma proposta amorosa feita à Dora pelo Sr. K. durante um passeio no lago (*ibid.*, p. 32). As interpretações do Sr. K e do próprio pai da moça sugerem que Dora, interessada pelos assuntos sexuais e excitada por leituras eróticas, havia “imaginado” – ou melhor, fantasiado – a cena do lago. Como diz o pai de Dora:

Eu mesmo acredito que a história de Dora sobre a impertinência moral do homem é uma fantasia que se impôs a ela. (Freud, 1989 (1905 [1901]), p. 32)

Isto é um sinal de que moças fantasiam, além do que convinha ao pai pensar assim. Para Freud, há nas duas cenas amorosas entre Dora e o Sr. K. as três condições psíquicas que se encontram presentes em casos de histeria, isto é, o trauma psíquico, o conflito de afetos e a comoção na esfera sexual. Neste sentido, segundo ele, o comportamento da então adolescente Dora – que responde às propostas amorosas do Sr. K a ela com afetos desprazerosos como a repugnância – já pode ser considerado histérico. Tentando sustentar sua posição, Freud (1905 [1901]) afirma que:

Eu tomaria por histérica, sem hesitação, qualquer pessoa em que a oportunidade de excitação sexual despertasse sentimentos preponderante ou exclusivamente desprazerosos, fosse ela ou não capaz de produzir sintomas somáticos. (Freud, 1989 (1905 [1901]), p. 35)

A partir do comportamento histérico de Dora, Freud (1905 [1901]) observa que pelo menos um dos significados do sintoma histérico corresponde à representação de uma fantasia de conteúdo sexual, como também que nunca se corre o risco de “corromper uma jovem inexperiente; quando não há no inconsciente nenhum conhecimento sobre os processos sexuais, tampouco surge qualquer sintoma histérico” (*ibid.*, p. 53). Neste sentido, Freud chama atenção para ao fato de que Dora não era uma jovem inexperiente e que sua sexualidade já

havia aflorado antes das propostas amorosas do Sr. K. É sob este enfoque que Freud (1908a) assim ressalva que pessoas que se dedicam a estudar a histeria devem estar atentos tanto às fantasias de sedução quanto às experiências reais traumáticas.

Lado a lado com a questão das fantasias de sedução, e pensando sobre a necessidade dos adultos de prestarem esclarecimentos às crianças sobre fatos da vida sexual, bem como de que maneira e quando isso deveria ocorrer, Freud (1907), em *O esclarecimento sexual das crianças*, retoma a questão trazida em seus *Três ensaios* sobre a existência de uma sexualidade na primeira infância. Nesta época, ele parte das seguintes dúvidas: qual o objetivo de negar esclarecimentos sexuais às crianças e aos jovens? Como os adultos pensam e se posicionam sobre isto? Sobre o ocultamento deste tipo de informações, Freud se pergunta:

Será por medo de despertar prematuramente seu interesse [interesse das crianças] (...)? Será que acreditamos que as crianças não se interessarão pelos fatos e mistérios da vida sexual, e não os compreenderão (...)? Será possível que o conhecimento que lhes é negado não as alcançará por outros meios? (Freud, 1976 [1907], p. 137-138)

Na verdade, Freud desde 1905 já pensa na questão do auto-erotismo e, nos *Três ensaios*, apresenta suas idéias de que o bebê já nasce com sua sexualidade. Em sua opinião (Freud, 1907), o desenvolvimento da criança nos períodos da lactância e na primeira infância são acompanhados de sensações e experiências sexuais, sendo raros os casos de púberes que não tenham tido contato com algumas atividades sexuais. Isto porque, segundo Freud, o interesse pela questão sexual pode estar presente na criança desde cedo, independente dela haver sofrido uma experiência traumática de sedução. O pequeno Hans, aos quatro anos de idade, demonstrava explicitamente interesse pelo seu pipi, apesar de não ter sido exposto a nenhuma sedução real (Freud, 1976 [1907], p. 140).

Estou convicto de que nenhuma criança (...) pode evitar o interesse pelos problemas do sexo nos anos *anteriores* à puberdade. (Freud, 1976 [1908b], p. 214)

A *segunda teoria* de Freud sobre a sedução, a *teoria da fantasia*, encontra-se exposta dos *Três ensaios* de 1905 até o Hans de 1909. Neste período (1905-1909), ele propõe que a sedução é um evento inegável e patológico, na medida em

que – sempre traumática – ocorre na vida do sujeito não somente através de um acontecimento real, como também a partir de fantasias de sedução. Assim, o agente da sedução pode inclusive ser o próprio sujeito, que, através de suas formações inconscientes, fantasia as cenas de sedução.

1.3

A mãe sedutora

Em textos bem iniciais de sua obra, como *A interpretação de sonhos* (1900) e *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905b), Freud demonstra uma preocupação crescente em entender as relações amorosas inconscientes que existem entre pais e filhos, relacionando esta atração sexual infantil, desde a mais tenra idade, com o mito edipiano. Para ele, em 1905, crianças constitucionalmente destinadas a uma neurose devem expressar estas inclinações amorosas pelos pais de uma forma mais intensa do que as demais. Acrescenta que para as inclinações amorosas infantis entrarem em jogo é antes necessário o aparecimento de sensações corpóreas infantis que podem ser espontâneas ou surgirem em situações sedutoras experimentadas por crianças.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, interessado na importância das primeiras relações amorosas infantis, Freud (1905b) afirma que a mais primitiva satisfação sexual da criança se encontra ligada à nutrição. Segundo seu ponto de vista, o seio materno é objeto de satisfação para a criança, que, só mais tarde, formará uma representação mais globalizante da pessoa que possui o seio que a satisfaz e que, na maioria das vezes, é a mãe. Neste sentido, Freud diz que “não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos (...)” (Freud, 1989 [1905b], p. 209). Assim, Freud (1905b) anuncia que, mesmo sem compreender o que fazem, as mães são as primeiras sedutoras de seus filhos. É através dos cuidados da maternagem e das inúmeras brincadeiras que as mães estimulam sexualmente seus bebês, pois as partes do corpo que concentram os cuidados maternos de higiene são zonas erógenas.

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa – usualmente, a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo. A mãe provavelmente se horrorizaria se lhe fosse esclarecido que, com todas as suas expressões de ternura, ela está despertando a pulsão sexual de seu filho e preparando a intensidade posterior desta. (Freud, 1989 [1905b], p. 210)

Da mesma forma, Freud (1909) supõe, a partir da fantasia de Hans – na qual ele levava seus filhos ao banheiro, “os fazia urinar, ...limpava seus traseiros” (Freud, 1976 [1909], p. 115) – que as mesmas ações por parte dos pais de Hans tivessem proporcionado a ele, quando só era um bebê, sensações de prazer, nas suas zonas erógenas.

Além de marcar a importância dos cuidados com o corpo como fonte de estimulação sexual da criança, que de certa maneira está numa posição passiva frente à pessoa que cuida dela, Freud também ressalva que há a formação de uma díade mãe-criança, na qual a criança também pode participar ativamente em situações de sedução. Isto porque, através de fantasias inconscientes de sedução ou em situações reais, a criança muitas vezes é quem se coloca em uma posição sedutora e ativa frente a sua mãe (Freud, 1909). Com vistas a sustentar este argumento, Freud recorta dois fragmentos trazidos pelo pai de Hans que representam tentativas de seduzir a mãe:

Hans, quatro anos e três meses. Nessa manhã a mãe de Hans lhe deu seu banho diário, como de hábito, secando-o e aplicando-lhe talco. Quando a mãe lhe passava talco em volta do seu pênis, tomando cuidado para não tocá-lo, Hans lhe disse: “Por que é que você não põe seu dedo aí?”

Mãe: “Porque seria porcaria.”

Hans: “Que é isso? Porcaria? Por quê?”

Mãe: “Porque não é correto.”

Hans: (rindo) – “Mas é muito divertido.” (Freud, 1976 [1909], p. 29)

Hans (quatro anos e nove meses) despertou em lágrimas certa manhã. Quando lhe perguntaram por que estava chorando, ele disse a sua mãe: “Quando eu estava dormindo, pensei que você tinha ido embora e eu ficava sem a Mamãe para mimarmos juntos.” (*ibid.*, p. 34)

No fragmento em que Hans está com quatro anos e três meses, encontra-se um outro fato importante que permeia a questão da mãe sedutora, pois é ela quem primeiro desperta a atividade sexual em seu filho e depois a proíbe.

Continuando a pesquisa sobre a sedução, em seus trabalhos da década 1930 dedicados às mulheres, Freud (1931, 1933) afirma textualmente a importância do papel da mãe enquanto a agente sedutora de seus filhos.

No período em que o principal interesse voltava-se para a descoberta de traumas sexuais infantis, quase todas as minhas pacientes contavam-me haverem sido seduzidas pelo pai. (...) E agora encontramos mais uma vez a fantasia de sedução na pré-história pré-edipiana das meninas; contudo, o sedutor é regularmente a mãe. Aqui, a fantasia toca o chão da realidade, pois foi realmente

a mãe quem, por suas atividades concernentes à higiene corporal da criança, inevitavelmente estimulou e, talvez, até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais da menina. (Freud, 1976 (1933 [1932c]), p. 148-149)

Os cuidados maternos dispensados com a higiene corporal provocam fantasias na criança em que a mãe ou a babá participam como agentes da sedução. Neste sentido é que Freud propõe um alicerce efetivo para as fantasias de sedução das crianças, sendo que, nesta sedução materna, a excitação provocada é destituída de um valor desorganizador. Assim, Freud pontua uma outra forma de sedução, diferente da sedução traumática da *neurotica*, em que a mãe como agente sedutor organiza a psique da criança. Ao contrário da sedução traumática dos anos 1890, em que o agente da sedução – um pai perverso – causa um impacto traumático na criança seduzida, que não tem condições de elaborar o que lhe aconteceu e que, por isso, a excitação provocada tem um efeito sobre o aparelho psíquico essencialmente desorganizador, o papel da mãe, primeira sedutora, é estruturante, organizador do psiquismo infantil.

Perguntando-se mais uma vez sobre a relação da passividade com a atividade, Freud (1931) sustenta seu ponto de vista sobre os objetivos sexuais das crianças serem por vezes passivos e por outras ativos, conforme argumenta em 1909, no caso Hans:

As primeiras experiências sexuais (...) que uma criança tem em relação à mãe são (...) de caráter passivo. Ela é amamentada, alimentada, limpa e vestida por esta última, e ensinada a desempenhar todas as suas funções. Uma parte de sua libido continua aferrando-se a essas experiências e desfruta das satisfações a elas relacionadas: outra parte, porém, esforça-se por transformá-las em atividade. (Freud, 1974 [1931], p. 271-272)

Assim, nos anos 1930 é possível perceber o resultado de um deslocamento teórico no texto freudiano, no que se refere à imagem da figura parental que seduz. Antes de 1897 o protótipo do agente sedutor é um pai perverso e, num segundo momento, a figura sedutora pode ser o próprio sujeito, que fantasia estar sendo seduzido por alguém. Contudo, num terceiro momento, Freud esclarece que, na realidade, é a mãe quem se destaca como o agente da sedução logo nos primeiros meses de vida de um bebê, já que é ela que alimenta e cuida da criança, ao mesmo tempo em que lhe desperta sensações corporais agradáveis e desagradáveis. Neste sentido, para Freud, a mãe é o primeiro objeto de amor tanto de meninos quanto de meninas, sendo assim o protótipo para as relações amorosas

posteriores. Encerra-se, aqui, a *terceira fase* de elaboração teórica freudiana, na qual a sedução, embora traumática, é estruturante e necessária para a constituição do sujeito.

Outro autor que discorre sobre o papel materno na sedução é Sibony (1981). Segundo ele, chamar a mãe de *primeira sedutora* pressupõe a aceitação da idéia de sedução e da idéia de primeira, “que estão justamente em processo, em vias de se misturar e ganhar forma” (Sibony, 1983 [1981], p. 69). No entanto, Sibony afirma que a postulação freudiana é correta se entendida metaforicamente, significando que:

(...) nessa sedução, a criança fica entregue a uma outra parte dela mesma (figurada pela mãe), a parte marcada pelo desejo alheio; e a mãe também se debate com isso (...).” (Sibony, 1983 [1981], p. 69).

Nesta relação mãe-bebê, além da mãe ser a primeira sedutora ela também é seduzida pela criança, como parte dela. Sibony (1981) marca então que tanto a mãe quanto a criança são seduzidas pela sedução de uma pela outra; e isto acontece numa fase “em que a separação da mãe não é feita no tocante ao desejo, e em que a sedução é uma separação, suposta, projetada, “desejada”, que separa o *si mesmo* do *si-como-outro*, e o outro dele próprio...” (*ibid.*, p. 69).

Referindo-se à questão da sedução, Sibony (1981) discorre sobre sua montagem ou, conforme suas palavras, sobre a auto-sedução. Para ele, a mãe seduz o bebê mesmo quando ele ainda é todo dela, ou seja, quando ele depende dos cuidados maternos para sobreviver. Neste sentido é que a mãe é, pois, auto-sedutora.

A mãe se seduz e se coloca fora de si para se reencontrar tal como foi ou tal como se imaginou, por meio dessa parte dela mesma. (Sibony, 1983 [1981], p. 70)

Assim, a mãe só seduz o bebê quando ele se mantém no lugar em que foi colocado, isto é, como responsável e testemunha da parte do desejo inconsciente da mãe; o que o angustia e, mais tarde, o conduz a uma busca inconsciente por algo que se refere ao desejo da mãe.

(...) através do desejo de que a mãe deu mostras sem o saber, o filho (...) vê o risco de ela o ter nas mãos ou ao alcance da mão, e de jogar sobre ele sua busca inconsciente, seu reclame ideal... Isso é o que o conduzirá, mais tarde, ao “desejo da mãe”, ao desejo por conta da mãe (...) (Sibony, 1983 [1981], p. 70)

Numa perspectiva diferente, Enriquez (1983) também fala sobre uma mãe amorosa, porém ameaçadora, ao discutir a utilização da psicanálise para além dos limites do psiquismo individual.

[Mãe] Ela fornece carinho, proteção, isto é, aglutinação possível. Ela só pode desempenhar um papel estruturante se expressar, por seu discurso e seus atos, seu amor pelo pai e o reconhecimento da lei humana. Sozinha, entregue a seu desejo apenas, ela só pode ser vivenciada como o lugar de onde tudo provém e para onde tudo retorna, como o *absorvente universal*. (Enriquez, 1999 [1983], p. 192)

Neste enfoque, para que a mãe exerça um papel “mais como terra que fornece suporte sem desmoronar, do que como o mar que engloba e que absorve” (*ibid.*, p. 184) é necessário que haja a entrada de um terceiro, que venha interditar tanto a mãe quanto a criança. Isto porque, a partir da entrada de um terceiro, a linguagem dos corpos pode ser barrada, destacando-se, então, uma outra, a linguagem das palavras. Este terceiro a que Enriquez faz alusão está referido à função paterna, ao *Nome do Pai*, e é com a entrada em jogo desta função que há a possibilidade de uma quebra da díade mãe-criança. Dito de outra forma, a referência ao terceiro denuncia e, ao mesmo tempo, promove a ruptura da onipotência da mãe, como aquela mãe que devora, aglutina o outro até uma total indiferenciação entre ela e a criança, ou que deve ser reconhecida, “na melhor das hipóteses, como uma intrusa” (*ibid.*, p. 184).

Enriquez (1983) expressa sua opinião acerca dos limites existentes entre uma função materna estruturante e uma outra função, incestuosa e patológica. Para ele, nas primeiras relações mãe-bebê, a mãe possui uma função estruturante para seus filhos, enquanto mantenedora da vida da criança. De certa maneira, os cuidados de higiene e o próprio aleitamento são vitais para a sobrevivência de uma criança, mas isto não é suficiente, posto que não é somente de uma pura necessidade biológica que se trata. Ao mesmo tempo em que a mãe nutre e cuida da assepsia de seu bebê, ela também erotiza o corpo da criança e a *afaga com palavras*.

Continuando a discorrer sobre a questão da função materna estruturante, Enriquez (1983) lembra que quando a mãe extrapola o cumprimento das tarefas dos cuidados meramente fisiológicos para algo diferente, que está referido ao sexual, ela assim introduz a criança no mundo dos falantes, isto é, no universo do simbólico. Por outro lado, Enriquez ressalva que esta relação da mãe com sua

criança é essencialmente incestuosa, seja para os meninos ou para as meninas. Por este motivo, quando a relação mãe-bebê chega ao ponto de impedir o descolamento da criança desta mãe é, então, descrita como patológica. O amor desmesurado de uma mãe, segundo Enriquez, leva à fusão amorosa entre os dois – mãe e bebê –, a uma total indiferenciação, ou ainda “ao excesso erótico, à perda de referências sociais e à morte social” (Enriquez, 1999 [1983], p. 167). Configura-se, em certa medida, uma relação devoradora, em que há um efeito de cola entre mãe-bebê, onde a mãe age sobre uma criança despreparada e, por conseguinte, passiva em relação à situação que se lhe apresenta. Assim, a partir desta imagem do efeito de cola entre mãe-bebê é que fica mais clara a idéia que Enriquez resgata de *O Mal-estar na civilização* (Freud, 1930) de que o amor, levado as últimas conseqüências, é contrário à civilização.

Todo amor é (...) endógamo e incestuoso. Como não amar estes corpos que são os únicos com os quais este ser humano tem uma relação sensorial e sensual espontânea, por razões biológicas (...), por razões de prematuridade do indivíduo (a criança deve ser segurada, carregada) ou sem ter que levar em consideração a vontade de um terceiro (...)? (Enriquez, 1999 [1983], p. 165)

Concluindo, segundo Enriquez e conforme Freud após *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905b), a criança perverso-polimorfa procura respostas para algumas das questões elaboradas em torno da sexualidade, e esta busca de conhecimento encontra referências tanto no prazer quanto na angústia. Para a criança, que procura satisfazer seus desejos no imediato, é quase inadmissível não amar aquela mãe que oferece seu corpo para esquentá-lo, para afagá-lo, para nutri-lo, bem como não estar referendado àquela mãe que traz algumas respostas sobre sua origem e sem a qual a criança nem mesmo teria nascido ou, se o tivesse, não sobreviveria. Para a criança é, portanto, difícil não amar este primeiro objeto de amor com o qual se identifica já na tenra idade, e é principalmente o *Nome do Pai* que, como função, poderá viabilizar a função materna – em princípio, sempre incestuosa – como estruturante, embora não patológica para uma criança.